



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

O MODO DE PRODUÇÃO ESCRAVISTA E A INSURREIÇÃO MACABAICA: UMA INTERTEXTUALIDADE ENTRE O LIVRO DE JOEL E OS LIVROS DOS MACABEUS¹

*The slave way of production and the Maccabean insurrection:
an intertextuality between the book of Joel and the books of the Maccabeans*

Luiz Alexandre Solano Rossi²
Natalino das Neves³

Resumo: O artigo tem por objetivo principal demonstrar que o modo de produção escravista grego foi uma das principais causas da insurreição macabaica. Para isso, será descrito, de forma resumida, o funcionamento do modo de produção escravista grego e a forma como esse modelo influenciava as guerras gregas e também motivou a revolta dos judeus. Trata-se de uma pesquisa essencialmente bibliográfica, com uso da intertextualidade entre o livro de Joel, que cita a prática escravagista helênica, e os livros dos Macabeus. Como resultado fica evidenciada a influência desse modo de produção na insurreição macabaica e da insatisfação de Deus como essa prática com o anúncio do juízo universal sobre os opressores (ambiente apocalíptico), anunciado por Joel.

Palavras-chave: Modo de produção escravista. Insurreição macabaica. Joel. Intertextualidade, apocalíptica.

Abstract: The main goal of the article is to demonstrate that the Greek slave way of production was one of the main causes of the Maccabean insurrection. For this, the functioning of the Greek slave way of production and the way this model influenced the Greek wars and also motivated the Jewish rebellion will be described in a summarized way. This is an essentially bibliographic research with the use of the intertextuality between the book of Joel, which cites the Hellenistic slave practice and the books of the Maccabeans. As a result the influence of this way of production on the Maccabean in-

¹ O artigo foi recebido em 27 de outubro de 2014 e aprovado em 20 de setembro de 2015 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, Curitiba/PR, Brasil), possuindo pós-doutorado em Teologia (Fuller Theological Seminary, Pasadena/CA, EUA) e em História Antiga (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil). É professor-adjunto no Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR. Autor e tradutor da Paulus. Bibliista. Contato: luizalexandrrossi@yahoo.com.br

³ Mestre em Teologia e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, Curitiba/PR, Brasil). Contato: natalino6612@gmail.com

■ surrection becomes apparent as well as God's dissatisfaction with this practice with the announcement of the universal judgment on the oppressors (apocalyptic environment) announced by Joel.

■ **Keywords:** Slave way of production. Maccabean insurrection. Joel. Intertextuality. Apocalyptic.

Introdução

O povo de Israel após o exílio passa por constantes opressões sob o jugo dos impérios mundiais: babilônico, persa, grego e romano. O império persa que, por trás da imagem de um povo tolerante com seus dominados, implantou um modo de produção tributário que, com o auxílio da elite judaica, explorava duplamente os judeus, principalmente os camponeses, não foi o pior opressor de Israel. A dominação dos gregos, ou helênica, (333-63 a.C.), povo citado por Joel como comerciantes de escravos, soube aproveitar a organização já instaurada pelos persas e ampliou implementando o modo de produção escravista.

O texto de Joel 4.4-8, em especial o versículo 6: “Vocês venderam o povo de Judá e o de Jerusalém aos gregos, mandando-os para longe da sua terra natal”, demonstra a insatisfação de Deus com a prática de produção escravista. O autor coloca na boca de Deus o anúncio de julgamento das nações estrangeiras e de libertação dos escravos judeus, que estavam sendo submetidos a práticas de desumanização.

Outros livros que evidenciam com mais detalhes essa prática do modo de produção escravista grego são os livros dos Macabeus.⁴ A intertextualidade do livro de Joel com os livros dos Macabeus auxilia na compreensão do impacto desse modo de produção da economia grega na vida da Palestina, bem como da insatisfação de Deus com essa prática desumanizadora no sentido universal.

Modelo de produção escravista grego

O modo de produção escravista ocorre quando a economia tem como base a comercialização da mão de obra escrava como a principal fonte de produção, inclusive com a separação da pessoa escravizada de sua própria sociedade, sendo levada para um novo ambiente no processo de dessocialização e despersonalização. Nesse modo de produção as pessoas são consideradas como coisas. Ribeiro⁵ afirma que o modelo de produção escravista interfere na forma de convívio social da sociedade:

⁴ Os dois livros dos Macabeus não faziam parte do cânon escriturístico dos judeus, mas foram reconhecidos pela Igreja Católica como inspirados (livros deuterocanônicos). Referem-se à história das lutas travadas contra os soberanos selêucidas para obter a liberdade religiosa e política do povo judeu. Seu título provém do apelido de Macabeu dado ao principal herói dessa história (1Mc 2.4) e estendido depois a seus irmãos (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1980, p. 785).

⁵ RIBEIRO, Júlio César. A geografia do modo de produção escravista. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas, Três Lagoas-MS*, v. 5, n. 8, nov. 2008. p. 80.

O núcleo do social identificava-se com a escravidão. Propriedade adquirida por fatores de hereditariedade, captura, aprisionamento em guerras, mercantilização, venda dos genitores, abandono de recém-nascidos, rapto, pirataria ou quitação de dívidas. Por meio dela o homem era convertido num bem ou numa propriedade privada móvel.

Nesse modelo ocorria o pleno desenvolvimento da propriedade privada e a exploração de uma classe por outra. De um lado estavam os donos de escravos e dos meios de produção (terras e instrumentos de produção) e de outro lado estavam os escravos, mão de obra de produção de bens, tratados simplesmente como objetos, máquinas humanas. O escravo era considerado como qualquer outro instrumento de produção (animal ou ferramenta). Dessa forma, no modelo de produção escravista, as relações de produção eram de domínio e de sujeição, nas quais os proprietários das terras e instrumentos de produção dominam e os escravos se sujeitam aos seus donos. Os escravos não tinham direito a nada e o produto de seu trabalho era todo dos proprietários.

A antiguidade clássica sempre foi exaltada por sua sofisticação filosófica, política, artística e arquitetônica, porém esse período, infelizmente, também foi marcado pelo modo de produção escravista. Os famosos filósofos: Platão, Aristóteles, dentre outros, defendiam uma superioridade “natural” dos gregos em relação aos bárbaros (outros povos), bem como a prática escravagista, entendendo a submissão do escravo ao seu “proprietário” como uma prática comum. A estrutura social na sociedade escravista era classista e expansionista. Na época de Aristóteles existiam para cada trabalhador livre dois ou três outros escravos.⁶

Um ambiente marcado pela abundância de cativos, uma escravidão em forma plena, onde os indivíduos já não são donos de si, mas propriedade de alguém, uma ideia cultural mantida por meio dos discursos dos defensores do sistema de dominação. Eurípedes explicita essa forma de pensar dos gregos: “O heleno tem o direito de comandar o bárbaro. Os bárbaros são todos escravos”.⁷

Segundo Ribeiro, o modelo de produção escravista impulsionou a economia grega:

A impulsão a esse modo de produção veio com a transição da economia de subsistência à economia de produção, que possibilitou a realização de excedentes vendáveis. Na Grécia antiga a escravidão foi patriarcal durante a idade homérica. Sequencialmente a esse período, deu-se a transição à fase das Guerras Greco-Pérsicas, quando já se configurava a finalidade empresarial orientada ao laborar dos setores agrícolas, mineralógicos, artesanais, navais e comerciais; contexto de rentabilidade que fez aparecer a classe social dedicada ao aluguel do escravo, por tempo ou empreita⁸.

⁶ KRADER, L. Evolução, revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico. In: HOBBSAWM, Eric J. (Org.). *O marxismo no tempo de Marx*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 299.

⁷ MORAES, João Quartim. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998. p. 55.

⁸ RIBEIRO, 2008, p. 80.

A nova economia grega tinha como eixo central o comércio, que passou a exigir mercadoria excedente para exportação. Para a produção de mercadorias excedentes era necessário cada vez mais trabalho, que, por sua vez, não era executado pelo cidadão livre. Então, quem iria produzir essas mercadorias? Evidentemente que seriam os escravos, pois, segundo Konzen e Walker, “o homem livre não trabalha, ou então trabalha o mínimo possível. Cabem-lhe coisas mais ‘nobres’, como o cultivo do saber (filosofia), da beleza (arte), do lazer (esporte) etc.”⁹.

A *polis* grega tinha um forte caráter marítimo, com centro econômico e político. Tinha uma grande diversificação econômica: agricultura, artesanato e comércio. Entretanto, a base da economia era o comércio de escravos, mão de obra para a geração da produção do campo. Os antigos agricultores migram do campo para a área urbana e os serviços desprezíveis da elite eram realizados pelos escravos. Em Atenas, o novo contexto gera o que Aristóteles chamaria de “ócio produtivo”, um rompimento radical entre a produção intelectual e a produção técnica e o surgimento da democracia. Na oligárquica Esparta, o modelo era diferente, pois o escravo era propriedade do Estado, e o tempo livre de grande parte da população era dedicado integralmente à arte militar com o objetivo de novas conquistas e, conseqüentemente, aquisição de mais mão de obra escrava.

Durante o governo de Péricles (460-429 a.C.), Atenas atingiu o apogeu de sua vida política e cultural com sua democracia e seu crescimento econômico, tornando-se o centro da civilização grega. As principais fontes de sua prosperidade eram as contribuições cobradas dos membros da Liga de Delos e da geração de renda por meio da mão de obra escrava, cada vez mais em expansão. Os escravos executavam os trabalhos que os gregos consideravam degradantes (serviços públicos e domésticos, atividades de campo, mineração, artesanato, entre outras). A democracia ateniense permitia a participação direta de todo cidadão masculino acima dos 18 anos na Assembleia Popular, exceto os escravos, os estrangeiros e as mulheres.

Os escravos recebiam tratamento diferenciado nas regiões econômicas da Grécia onde o modo de produção era escravista, caracterizadas, conforme já mencionado, pela propriedade privada da terra e pela supremacia do controle das cidades-Estado. Segundo Ribeiro, “o cerne do poder está na cidade. A partir dela se organiza o todo econômico envolvente e os territórios circundantes”¹⁰. Acrescenta que a sociedade escravista “era expansionista, dinâmica e mutante – diferindo, portanto, da sociedade oriental ‘fechada’”. Com a ascensão de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), e o estabelecimento de uma monarquia universal, a difusão da cultura helênica foi sem precedente. O movimento de fusão e interação cultural entre o império grego e demais nações, em que o modo de vida grega vai sendo imposto sobre os demais povos, é

⁹ KONZEN, Léo Zeno; WALKER, Décio José. Noventa cabeças por um talento: sobre a escravidão no tempo dos Macabeus. In: *Estudos Bíblicos 18*: Escravidão e escravos na Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 49.

¹⁰ RIBEIRO, 2008, p. 79.

designado de helenismo.¹¹ Situação que pode ser percebida na região da Palestina, possuidora de várias cidades-Estado e com pleno funcionamento do modo de produção escravista, principalmente no período selêucida (sucessores de Alexandre), explicitado nas literaturas da época.

Uma parte da população da região da Palestina aderiu ao helenismo, em especial, a elite judaica. Entretanto, parcelas da população que rejeitavam radicalmente a dominação estrangeira se mantinham fiéis à cultura e a YHWH.¹² Entre essas é que surge a revolução camponesa, que emerge com objetivo de conter as ações desumanizadoras do imperialismo estrangeiro.

A revolução camponesa como forma de conter o modo de produção escravista

No período em que a Palestina estava sob o governo dos selêucidas, qual o maior impacto que os camponeses sentiam em sua comunidade? Qual foi o maior choque em sua vida comunitária e, principalmente, familiar? Será que eles tinham saudades do modelo de produção tribal, que privilegiava o clã e a família, instituições tão importantes para os judeus? Questões que podem auxiliar na compreensão do verdadeiro motivo da revolução macabaica contra a radicalização na implementação do helenismo na região da Judeia durante o império dos selêucidas. Se “a construção da literatura bíblica está marcada pelo tipo de economia e de sociedade em que as pessoas viviam”, conforme afirma Rossi¹³, qual era a economia e modelo da sociedade na época dos macabeus? Rossi faz uma interessante e coerente relação do modo de produção escravista com a revolução dos macabeus e afirma que:

Desenvolveu-se (modo de produção escravista) a partir do domínio grego à época de Alexandre. O avanço da cultura escravista da sociedade abalou sensivelmente a vida do povo da Bíblia, tão ligado às tradições clânico-familiares, deixando-o como estrangeiro em sua própria terra. O abalo na sociedade é tão sensível que entre 167-142 a.C. encontramos aquilo que é denominado de insurreição macabaica, uma ousada tentativa de impedir o avanço da cultura grega e do escravismo, em detrimento das tradições clânicas (cfe 1 Macabeus 2.19-28). A linguagem religiosa do texto bíblico julga negativamente a dominação grega¹⁴.

A implantação do sistema grego, chamado de helenismo, em especial sua economia baseada no modo de produção escravista, conflitava com os vínculos familiares e de parentesco, fundamentais para a nação judaica:

¹¹ KOESTER, Helmut. *Introduction to the New Testament: History, Culture and Religion of the Hellenistic Age*. New York: Walter de Gruyter & Co. 1980. v. 1, p. 39.

¹² KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 50.

¹³ ROSSI, Luiz A. S. Modo de Produção Escravista e sua influência na percepção da sociedade judaica no pós-exílio. In: ZIERER, Adriana (Org.). *Mirabilia Journal*, Mirabilia 4, jun./dez. 2005. p. 27. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2004_03.pdf>. Acesso em: 02 maio 2014.

¹⁴ ROSSI, 2005, p. 33.

No âmbito dessa nova economia de mercado em expansão, valores e relacionamentos mais antigos fundados nos vínculos familiares e de parentesco se viram ameaçados. Esses vínculos haviam promovido a ajuda e o apoio mútuos entre membros de grupos familiares e de parentesco. Mas agora pessoas do mesmo grupo familiar ou de parentesco se viam em estratos econômicos diferentes e opostos. Com a potência regente estrangeira e seus agentes, valores e padrões éticos mais antigos baseados na lealdade e na compaixão humana cederem lugar a medidas mais materialistas de riqueza e de influência¹⁵.

Muitas pessoas não davam conta do que estava por trás da nova economia grega, pois estavam deslumbradas com o “avanço” do comércio. Konzen e Walker asseveram que a escravidão “era inevitável. Vinha junto com o ‘pacote’ da nova economia”¹⁶. Os pobres camponeses judeus percebiam na própria pele, ou melhor, na própria família, no dia a dia de suas vidas. Vítimas de constantes visitas dos inimigos, em especial no período dos selêucidas. “Os pobres o sentiam na carne, embora muitos só viam brilho na nova economia.”¹⁷

A força militar dava suporte para a manutenção do modelo econômico do soberano selêucida:

Economia e comércio caminham pari passu. No começo de 167 a. C., Antíoco IV envia a Jerusalém um determinado Apolônio, comandante das tropas mísias, com forte contingente militar. A ação é devastadora: assassinatos em massa e escravidão. As muralhas da cidade são destruídas e edifica-se uma poderosa fortaleza militar em Jerusalém, conhecida, em grego, como Acra = cidadela. Esta cidadela funcionava como sede de uma guarnição e estava encostada no Templo. Durante aproximadamente 25 anos a Acra será o braço armado selêucida em Jerusalém, verdadeiro espinho atravessado na garganta dos judeus¹⁸.

A sociedade grega considerava a guerra como um artifício cultural, social, étnico e econômico. Considerava a guerra como o princípio de todas as coisas, pois por meio dela alguns se tornavam escravos, enquanto outros, homens livres. A guerra era utilizada para fortalecer a demarcação das fronteiras culturais, para os gregos um meio de identificar o bárbaro como aquele pertencente a uma cultura inferior, considerada como uma ignomínia para o grego e que necessitava ser transformada pela cultura helênica. Cândido cita os poetas trágicos gregos para demonstrar como a guerra fazia parte integrante da cultura helênica:

Relatos sobre a guerra sempre fizeram parte da cultura grega como a narrativa de Homero sobre a guerra de Troia, Ésquilo com a tragédia histórica os Persas onde encena

¹⁵ CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 36.

¹⁶ KONZEN; WALKER, 1988, p. 49.

¹⁷ KONZEN; WALKER, 1988, p. 49.

¹⁸ ROSSI, 2005, p. 35.

a vitória de Atenas contra os persas e Heródoto que relata os acontecimentos políticos das guerras médicas¹⁹.

A manutenção do sistema helênico dependia do modo de produção escravista, pois como afirma Dreher: “[...] Decisivo é que a sociedade escravagista não subsiste sem a existência de escravos. Toda a economia, a organização do trabalho, e a própria existência daquela classe de homens livres dependem de sua base, ou seja, do trabalho escravo”²⁰. Dessa forma, toda iniciativa do império grego para novas conquistas tinha como fonte motivadora a manutenção do sistema de produção que proporcionava a perenidade à dominação grega.

Para entender a relação entre o império grego dos selêucidas, o povo judeu e o modo de produção escravista, os dois livros de Macabeus têm muito a contribuir. Um dos exemplos é a descrição histórica de 2Mc 8.8-11, ocorrida aproximadamente em 166 a.C.:

Filipe, vendo este homem chegar pouco a pouco ao sucesso e cada vez mais solidamente progredir nas vitórias, escreveu a Ptolomeu, estrategista da Celessíria e da Fenícia, para que viesse em socorro dos interesses do rei. Este escolheu sem demora a Nicanor, filho de Pátroclo e um dos primeiros amigos do rei, confiando-lhe o comendo de não menos de vinte mil gentios de todas as raças, e enviando-o com a ordem de exterminar todo o povo dos judeus. Mas associou-lhe também Górgias, general de profissão e experimentado em assuntos de guerra. Nicanor tinha-se proposto, por seu turno, com a venda dos judeus a serem aprisionados, levantar a quantia de dois mil talentos, que era o tributo devido pelo rei aos romanos. Sem demora, por isso, mandou mensageiros às cidades do litoral, convidando-as a virem comprar escravos judeus, chegando a prometer noventa cabeças por um talento. É que ele não contava como castigo que deveria alcançá-lo da parte do Todo-poderoso²¹.

Konzen e Walker²² nos trazem informações sobre os principais personagens dessa perícopa. Nicanor e Górgias eram dois assessores do rei da Síria, Antíoco IV; Ptolomeu era o subgovernador que cuidava da região da Celessíria e Fenícia, sob o domínio do rei; Filipe era uma espécie de superintendente em Jerusalém. Eles estavam preocupados com o avanço da resistência ao projeto de helenização da Judeia, liderado por Judas Macabeus, “o homem” citado no verso 8, que representava uma série ameaça para os interesses do império grego. O principal objetivo político era “exterminar todo o povo dos judeus”, ou seja, o foco da resistência. Mas por trás da organização dessa guerra estavam os interesses econômicos. Konzen e Walker listam

¹⁹ CANDIDO, Maria Regina. *Katádesmos: a magia entre os atenienses do V ao III século a. C.* 2001. 201f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2001. p. 47.

²⁰ DREHER, Carlos A. Escravos no Antigo testamento. In: *Estudos Bíblicos 18: Escravidão e escravos na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 13.

²¹ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1980. p. 855.

²² KONZEN; WALKER, 1988, p. 46-47.

dois deles: “1) arrecadar dinheiro com a venda dos prisioneiros de guerra e assim pagar a ‘dívida externa’ aos romanos; 2) aumentar a mão de obra escrava, da qual a organização econômica dos gregos precisava”²³. Os romanos já aparecem como uma grande potência em ascensão, a dívida refere-se ao tributo imposto pelos romanos ao rei grego da Síria, quando derrotado pelos romanos em 198 a.C.

Rossi, ao questionar os argumentos em favor de motivos religiosos e culturais, corrobora a defesa na ênfase de motivos econômicos e na defesa dos laços de parentesco:

Têm-se colocado as razões religiosa e cultural como motivo para a helenização da Judéia e a conseqüente resistência macabéia. Contudo, a lógica que parecia estar imperando naquela época era a da economia. Afinal, parece que os conflitos com os macabeus não têm objetivos tão somente religiosos. Contudo, esse conflito será transmitido a partir da simbologia religiosa que tentará exprimir os interesses igualitários dos camponeses. [...] Os macabeus líderes da resistência judaica, saem em defesa da manutenção dos laços de parentesco e da solidariedade étnica contra a instalação do regime da *pólis* em Jerusalém. [...] Pode-se dizer, então, que há motivos econômicos para o conflito²⁴.

No Primeiro Livro dos Macabeus também encontramos tentativas dos selêucidas em converter os judeus em escravos, em especial mulheres e filhos (1Mc 1.32; 1Mc 3.29-41; 1Mc 4.25; 1Mc 5.13). Destaque para 1Mc 3.29-41, que é outra versão dos ataques descritos em 2Mc 8.8-11, que no versículo 41 faz a seguinte descrição: Os comerciantes do país, ao tomarem conhecimento da sua vinda trazendo consigo prata e ouro em grande quantidade, além de se munirem de grilhões, vieram ao acampamento para comprar os filhos de Israel como escravos”. Desse modo, além do interesse grego de destruir os focos de resistência, falava mais alto o interesse econômico, ou seja, a venda dos judeus como escravos. Todavia, os judeus sofriam uma perseguição maior do que os demais povos dominados devido à resistência dos judeus tradicionais com relação à cultura helênica.

Konzen e Walker, após analisarem os textos citados acima, descrevem suas conclusões:

Qual é, então, o significado da “guerra dos Macabeus”, com relação à escravidão? É uma guerra radicada num integralismo religioso. De defesa da religião judaica contra a deturpação do sincretismo que provinha de introdução do sistema de vida dos gregos. Essa guerra, porém, desmascara o sistema grego revelando uma de suas características fundamentais: a escravidão. Foi uma luta contra a escravidão. Talvez isso não fosse claro para eles mesmos. Não importa. Certo é que eles perceberam que havia veneno naquela adaptação aos gregos. Havia traição ao Deus de Israel²⁵.

²³ KONZEN; WALKER, 1988, p. 47.

²⁴ ROSSI, 2005, p. 34.

²⁵ KONZEN; WALKER, 1988, p. 50.

Destaque para a frase “[...] Essa guerra, porém, desmascara o sistema grego revelando uma de suas características fundamentais: a escravidão. **Foi uma luta contra a escravidão**”. Com a morte dos judeus que resistiam ao sistema helênico, a venda das mulheres e crianças judias para estrangeiros, como poderia ser mantido o judaísmo? A luta dos macabeus era pela manutenção da descendência daquela geração e, conseqüentemente, do judaísmo, pois se continuasse aquele sistema, principalmente no que se refere ao modo de produção escravista, como ficaria a linhagem dos judeus?

Considerações finais

Ficou evidenciado neste artigo que o modo de produção escravista implantado pelos gregos foi a pior de todas as formas de opressão a que o povo de Israel ficou exposto desde o exílio, momento da perda de sua terra e do sistema de governo monárquico davídico, que não seria mais recuperado.

Apesar de aceitável a citação de Konzen e Walker, que conjecturam a possibilidade dos judeus não perceberem que o modo produção escravista era a causa principal de seu sofrimento, fica a dúvida: Como um povo que esteve por tantos anos debaixo da opressão do império grego, que era sustentado pelo modo de produção escravista e mantinham os judeus como estrangeiros/escravos em sua própria terra, poderia não ter consciência de sua própria desumanização? Como não perceber o risco de perpetuação da nação e ameaça à promessa messiânica, em um ambiente em que florescia a literatura apocalíptica?

Uma coisa é certa, o autor do livro de Joel, possível literatura apocalíptica, percebia a situação de extrema opressão desumanizadora, a ponto de registrar em Jl 4.4-8 essa prática de humilhação dos filhos de Israel, colocando na boca de Deus o anúncio do julgamento sobre as nações que exploravam o povo com a prática do modo de produção escravista. Esse modo de produção que visava manter o sistema econômico que sustentava o sistema de dominação opressor, mesmo com o custo da desumanização das pessoas, era uma ameaça ao projeto de Deus para a Palestina, bem como para a humanidade (visão apocalíptica).

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1980.
- CANDIDO, Maria Regina. *Katádesmos: a magia entre os atenienses do V ao III século a. C.* 2001. 201f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2001.
- CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004.
- DREHER, Carlos A. Escravos no Antigo testamento. In: *Estudos Bíblicos 18: Escravidão e escravos na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- KONZEN, Léo Zeno; WALKER, Décio José. Noventa cabeças por um talento: sobre a escravidão no tempo dos Macabeus. In: *Estudos Bíblicos 18: Escravidão e escravos na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1988.

- KOESTER, Helmut. *Introduction to the New Testament: History, Culture and Religion of the Hellenistic Age*. New York: Walter de Gruyter & Co, 1980. v. 1.
- KRADER, L. Evolução, revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico. In: HOBSBAWM, Eric J. (Org.). *O marxismo no tempo de Marx*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 263-300. (Coleção História do marxismo; v. 1).
- MORAES, João Quartim. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998.
- RIBEIRO, Júlio César. A geografia do modo de produção escravista. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas, Três Lagoas-MS*, v. 5, n. 8, nov. 2008.
- ROSSI, Luiz A. S. Modo de Produção Escravista e sua influência na percepção da sociedade judaica no pós-exílio. ZIERER, Adriana (Org.). *Mirabilia Journal*, Mirabilia 4, jun./dez. 2005. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2004_03.pdf>. Acesso em: 02 maio 2014.